

BAU: Texto
EMITENTE: Paulo Coelho
ASSUNTO: Texto sem título
DATA: 02/02/1992

Eu estava no East Village, numa casa de fundos, já há quase tres noites sem dormir, X quando eu recebi um telefonema do dono da casa, que só teve tempo de dizer uma palavra:

- Split!

Eu desliguei o telefone, olhei em volta. Tereza, minha mulher, tinha acabado de botar a criança para dormir num carrinho de bebe - que aliás, parecia mais uma carruagem - que nos tinha sido da do pela mulher do Wayne Shorter. Este carrinho, aliás, tinha nos sido muito útil quando a gente fugiu do hotel. Eu estava nesta casa refugiado do hotel, onde os ~~os~~ FBI tinham invadido.

Os agentes federais tinham entrado em todos os quartos onde houvesse alguém registrado com sobrenome brasileiro. Eu, como fundador e adepto fervoroso da paranóia preventiva, evidente, ente tinha dado um nome ~~sem~~ americano, de modo que não tinha sido incomodado. Mas pelas ~~as~~ palavras de Lautel, parecia que enfim os homens tinham me localizado:

- Split!

Tres dias antes o dia havia começado com uma especie de pres-
~~aquele dia aliás, tinha sido um dia muito especial,~~
aságio (bad omen).

Era sexta feita, de de 1973. Tereza tinha desembarcado no John Fitzgerald Kennedy aquela manhã e tinha sido presa - pro motivos completamente diferentes daqueles que me preocupavam a esta altura dos acontecimentos. Ela ~~esta~~ tinha vindo ao Brasil mostrar nosso filho, Koki, aos avós, e ele tinha viajado com passaporte americano - num país civilizado, crianças de seis meses costumam ter passaporte com retrato e tudo. E

Então, uma brasileira com uma criança americana na fronteira é algo muito pouco convincente para os guardas. Estava claro que ela estava vindo para NYC com ~~múl~~ outras razões - menos turismo. E com tudo isso, as suspeitas tinham sido levantadas - o que ela iria fazer ali? Pretendia permanecer até quando? Tinha meios próprios de sustento?

Enfim, depois de muita conversa ela terminou sendo admitida condicionalmente - deveria enfrentar um julgamento na segunda feira, as 11 da manhã. Os papéis dela estavam ilegais, já que até então ela não tinha iniciado o processo de concessão ~~de~~ residencia,

Tereza tinha chegado em casa às duas da tarde.

Eu contratei advogado, e ela - junto com Koki - tinha deitado e dormido quase que em seguida.

Nós estávamos hospedados no Hotel _____, porque eu tinha iniciado umas reformas no loft que acabara de comprar.

Naquele dia, deveria chegar um carregamento de _____ dólares de cocaína,

Normalmente o material vem sempre acompanhado de

duas pessoas: o "avião", que traz a mala com a droga, e um "olheiro",

viajando ao mesmo meio de transporte. Cabe ao olheiro - que

não traz consigo nada de comprometedor - mostrar as duas

malas junto com as malas do "avião" para a Aduana junto às malas do "avião".

Assim, ele sempre ficará sabendo o que aconteceu com o "avião" na Aduana.

Ele terá tempo de avisar aos outros participantes da BC de uma eventual

prisão.

O voo _____ da _____ trazia o material. Na aduana, o "avião" foi preso. Imediatamente o "olheiro" veio até o meu hotel comunicar o fato.

O meu encarregado direto daquele carregamento -

Chico Sebo - foi imediatamente avisado pelo olheiro, e não deu muita

importancia. Pelo contrário, preferiu acreditar que a situação

iria se resolver por ela mesma.

Acontece, porém, que o "avião" sabia o local

onde nos encontrávamos, e iria terminar dando com a língua nos dentes.

O local de encontro era o hotel onde eu me encontra-

va naquele dia - que ocupa um quarteirão inteiro na 10th st e University

Place, e é uma construção ~~engraçada~~ engraçadíssima, cheia de altos e baixos,

com muitos quartos e muitos bons esconderijos. Tinha até mesmo, na por-

taria, oportunidade de comprar a droga que se quisesse. O Hotel era tão

bandeira que chegava a ser limpeza.

Eu tinha, portanto, me decidido a ficar neste hotel.

A esta altura, eu tinha organizado a BC tão bem que eu nem tocava no material.

Eu estava lá, olhando tereza e koki dormir quando

eu vejo, pela janela, uma movimentação estranha do meu pessoal. Desci ime-

diatamente e soube da história - o avião tinha sido preso. Chico Sebo,

muito ~~desajeitadamente~~ desajeitadamente, não sabia o que me dizer ou o que fazer. Eu

então conversei um pouco com ele, e tive um gesto - que tem muito de

simbólico: peguei um sanduíche que estava comendo, dei para ele e disse:

- O bicho, voce tem que fugir, se mandar.

E saí imediatamente de perto. Meu apartamento era perto da escada de ~~meu~~ incendio - estrategicamente escolhido, para permitir uma fuga quando se fizesse necessário. Esta escada de serviço, inclusive, dava para ~~uma~~ uma área interna, o que provocava menores suspeitas quando tivesse que ser usada.

Eu voltei para o quarto e resolvi não acorda-la, já que ela tinha passado ~~na~~ pela sua própria trip. A minha idéia, quando eu voltei, era fugir imediatamente, porque eu sou adepto daquela música do Joack Bruce:

.
. .
. .

Realmente seria uma sacanagem explicar naquela hora para Tereza qualquer coisa: dizer "olha voce passou por tal coisa, mas tem outra coisa ~~na~~ pior ainda." Porisso resolvi não fugir de imediato. Peguei ~~as~~ as poucas drogas de consumo pessoal que eu tinha no quarto, coloquei perto do vaso sanitário onde seria fácil me livrar delas ante o primeiro alarme. E tirei toda a roupa, para ~~me~~ fingir que estava dormindo. Me deitei e fiquei pensando o que fazer.

De repente eu me lembrei que o "avião" tinha sido preso e que estava precisando de algum auxílio jurídico. Me vesti de novo, liguei para um advogado - que me pediu imediatamente 5 mil dólares de advance, e eu aceitei - e voltei para o quarto.

(ATENÇÃO: A PARTIR DAQUI VAI EXCLUSIVAMENTE DE MEMORIA, PORQUE A FITA NÃO REGISTROU)

Foi uma noite absolutamente angustiante: não consegui dormir. A ~~data~~ toda hora eu chegava na janela, para ver se detectava algum movimento suspeito. Mas nada. E determinada altura, eu ~~me~~ ouvi de repente algo como se fosse uma sirena que tivesse sido disparada por engano - algum toque como "bêem", que um motorista, inadvertidamente, esbarrou. Com muito cuidado, cheguei na janela, e vi um carro preto estacionado. Não dava para fazer nada: o remédio era esperar e torcer para que não batesssem em meu quarto.

De manhã bem cedinho, absolutamente cansado, resolvi descer pela escada de incendio e sondar o que estava acontecendo lá embaixo. Dei uma cautelosa volta no quarteirão, e não havia nenhum policial aparentemente à vista. Voltei então para o quarto e acordei Tereza. Avisei-a imediatamente do que estava acontecendo. E nós resolvemos sair e ir para a casa de um conhecido, Laurel.

Laurel ~~era~~ organizava shows e boates, e era uma das pessoas mais calmas que eu já tinha conhecido. Tinha sido um dos criadores da "Blue Box". ~~era~~

A Blue Box tinha feito sensação nos Estados Unidos no final da década de 60. Era um aparelhinho eletrônico, que, acoplado ao telefone, permitia que as pessoas fizessem ligações a longa distancia ~~sem~~ sem que os impulsos correspondentes fossem re-

gistrados. O mecanismo funcionou durante uns seis meses, até que a ITT através do medidor deu por conta dele; mas era impossível detectar/quais os telefones que estariam usando a Blue Box. Conseqüentemente, a ITT foi obrigada a criar toda uma aparelhagem eletrônica que, montada num carrinho, percorria as ruas e indicava os eventuais edifícios ~~para~~ onde poderia ser encontrada uma Blue Box.

Numa destas, o carrinho da ITT localizou o apartamento de Stan. Ao entrar lá, descobriu ~~vários telefones~~ uma espécie de central telefônica montada. Mas Laurel não ~~se~~ perdeu sua calma; ofereceu café para os agentes, conversou muito com eles sobre assuntos triviais, e finalmente disse o que todo americano aprende a dizer desde criança - que só falaria na presença do seu advogado. Laurel entrou em cana e terminou sendo absolvido.

Eu cheguei em casa de Laurel por volta das dez da manhã, e expliquei a ele a situação. Ele, com a calma que lhe era peculiar, disse que eu não ~~deveria~~ ficasse nervoso e me ofereceu o apartamento para que nós pudéssemos nos esconder por alguns dias. ^O meu loft estava marcado, já que seguramente os agentes federais terminariam encontrando - na portaria do hotel - a lista dos telefonemas dados pelas pessoas presas, e ~~nesta lista~~ estaria o telefone do loft.

ACABA TRANSCRIÇÃO DE MEMÓRIA

~~Da casa do Laurel~~ Da casa do Laurel, eu contactei com o advogado que eu havia contratado para dar cobertura jurídica à pessoa que tinha sido presa na fronteira, e pedi que ele me indicasse outro advogado para a mulher que tinha dançado na fronteira o Chico Sebo e o marido de ~~Margareta~~ - que tinham sido presos no hotel, no mesmo flagrante.

Cada um pediu 5 mil dólares em advance - você imagine o rombo no meu orçamento que foi isso. Mas como eu estava na ocasião muito bem, dava pra guentiar essas coisas todas.

A essa altura eu tinha marcado com o Paulinho à 1, 3 ou 5 horas no Shakespeare, Paulinho estava hospedado no mesmo hotel da batida, e eu já o conhecia a algum tempo. Na época que eu o conheci, ele tinha um ~~apartamento~~ estúdio de artesanato com uma mulher que era casada com um faixa-preta de caratê. O estúdio tinha começado a dar errado, e Paulinho queria se libertar daquela sociedade, mas o faixa preta de caratê assustava ele muito. Então ele veio até mim, e eu resolvi o caso da seguinte maneira: ~~eu~~ contratei um caminhão, fomos no estúdio de noite, e tiramos tudo, inclusive os espelhos tebecos que cobriam todas as paredes. Mudamos tudo isso para o Village, e o visual era um deslumbramento: os espelhos cobrindo o apartamento inteiro, dando a sensação de que era muito maior. ~~Neste novo loft do Paulinho~~ Neste novo loft do Paulinho nós ~~montamos~~ montamos uma mesa de ping-pong, que aliás é uma coisa necessárrissima para a minha sanidade mental. Eu costumava ficar jogando ping-pong com o João Gilberto, até que a mulher do Paulinho, um dia, deu um ataque. O João ficou sem saber o que fazer, enquanto ela dizia "Eu quero ficar com meu husband!" - ela falava "husband" enchendo a boca. Neste dia eu briguei com ela, mas até então a coisa tinha sido muito curtida.

Mas voltando a história: eu me encontrei com o Paulinho num dos horários marcados, e ele me deu a ~~informação~~ informação de que não sabia em que hotel a margarida estava. Então eu instruí ao Paulinho que ele fosse para os lugares que ele sabia que ela conhecia em NYC. Um destes lugares era um restaurante argentino que a gente comia muito - e ~~assessivamente~~ efetivamente foi lá que a gente encontrou ela. Eu tinha

mercado outro encontro com o Paulinho, pra ele passar a bola - porque a esta altura do jogo, evidentemente, ela estava sendo procurada, já que a outra devia ter contado a história toda. Então tratava-se de esconder esta mulher.

Encontremos a margarida, levei-a pra a casa do Laurel, relatei o caso ao Laurel, e ele - há que se lembrar que era num sábado - tranquilamente aceitou mais essa carga. Não só aceitou como ajudou a fazer contacto com o cabelereiro para mudar o visual dela; cortar cabelo, tingir, aqueles números de bastidorres. Porque como todo bom amador, tinham retratinhos do quarto de Chico Sebo quando este foi invadido pela polícia. Tinha inclusive um vt rodado - o Chico Sebo tinha comprado um vt - então tinha todo mundo. Pra polícia foi muito fácil: era só izer ~~lk~~ "roda", "freeze", de bandeja.

~~lk~~ A margarida então estava com a gente. ~~Muito~~ Muito nervosa, evidentemente, e ainda por cima grávida. Tremendo, ela disse que tinha deixado uma mala ~~lk~~ no hotel, e na qual se encontrava algum carregamento de cocaína. Nada muito grande, mais ou menos gramas.

Eu, Tereza, meu bebe de seis meses, e Margarida nervosissima na mesma casa, enquanto o ~~lk~~ Laurel procurava manter a calma de todos nós. A minha idéia era que ela esquecesse isso, porque a esta altura os homens já deviam ter pego a mala - afinal de contas, ela já estava há dois dias sem voltar ao hotel.

Ela muito nervosa, enchendo o sacco - e eu com aquela carga toda, já há dois dias sem dormir - e passamos o fim de semana desta maneira. Contactando advogados e preocupados.

Laurel, a certa altura do domingo, nos ofereceu para - tentando minorar o nervosismo de Margarida - de ir buscar a mala no hotel. Outra preocupação de Margarida era a ~~cachorra~~ cachorra, que tinha ficado trancada no outro hotel - no hotel onde Chico Sebo tinha sido preso. Laurel, muito cavalheiro, se ofereceu para buscar a mala. Eu falei então pra ele "Laurel, voce sabe onde está se metendo, não é. Eu não estou em condições de recusar oferta nenhuma, então se voce quiser ir vai".

O Laurel vai na segunda-feira procurar a mala. Na segunda-feira de manhã, a prioridade ~~lk~~ era Tereza ser julgada. dentro desta loucura toda, tereza tinha que ser julgada na segunda - mais um advogado.

Tereza então foi com o David, o meu braço direito. E eu fiquei em casa.

Retrocedendo: No domingo eu transferei a Margarida para a casa de ~~lk~~ duas meninas minhas amigas, que não eram conhecidas por ninguém da BC. Só eu conhecia, o que era uma medida de segurança que eu costumavamente. Por coincidência, a casas destas meninas ficava em frente ao 82 2nd. Av., que era a casa do Helio Oiticica. Era engraçado porque eu olhei pra lá, vi o Helio num dos seus ninhas, e não podia ~~lk~~ falar nada porque eu estava entregando a margarida e não queria comprometer mais ninguém.

Eram duas meninas que não sabiam falar português, a margarida não sabia falar inglês, e eu contando uma história para as donas da casa que o marido de Marga tinha sido preso porque tinha tido alguns problemas com imigração. Assim eu explicava o estado psicológico de marga.

Deixei a marga lá e disse: bom, menos um, agora vamos tentar resolver o meu problema.

Era segunda feita de manhã, e Tereza é julgada e absolvida. Mas, muito terezinha de Jesus, ela nada de voltar para casa. E eu já num estado de nervos total. Quase três noites sem dormir, e o único lugar que eu não queria pisar naquela hora era no Home Office. Tereza nada de chegar, e eu cuidando do Koki. Horas depois aparece Tereza toda lépida: "olha a camisa que eu comprei pra você" Ela tinha ido fazer shopping. Eu quase matei Tereza: "isso é hora de fazer shopping" O Laurel achou ótimo a iniciativa dela: "Opa, M., você está se preocupando demais"

Imagine. Eu com um ano e meio de trabalho que tinha ido ~~maxima~~ em poucos instantes para a cucuia, só de material que eu ~~deixei~~ deixei no loft tinham sido quase dez mil dólares, Tereza sendo julgada, e BC desmantelada, e eu me preocupando demais. Eu estava há três noites sem dormir, naquela parância ativa - ~~temendo~~ tomando as providências mas ~~estava~~ muito nervoso - e Tereza fazendo shopping.

Na terça-feira Laurel então se decidiu a ir pegar a mala de marga. Estamos eu e Tereza na casa do Laurel, pela manhã, aguardando o telefonema dele. De repente, toca o telefone, e essa coisa super-calma, tranquila, diz apenas uma palavra.

- Split

Eu desliguei o telefone, não disse nem "até logo". Tereza tinha acabado de por o koki pra dormir - porque é claro, a criança de alguma maneira estava sentindo o clima ~~total~~ todo. Koki tinha ~~andado~~ andado muito excitado aqueles dias, e tinha sido uma dificuldade para fazê-lo dormir.

Mas, ato contínuo ao telefonema, eu peguei koki nos braços, não tive nem tempo de botar os sapatinhos dele, e digo pra Tereza: "estamos indo embora". Ela, evidentemente, teve um momento de hesitação, mas eu falei de novo e ela colocou um vestido por cima de uma calça de couro que nós tínhamos feito no atelier.

Eu me encaminhei para a porta e não tive nem tempo de ~~subir~~ subir e pegar um casaco que tinha ~~us\$~~ us\$ 1100 no bolso. Era uma casa daquelas de fundo, que fica ligada por um corredorzinho à rua. (VER COMO OS AMERICANOS COLOCAM ESTE TIPO DE NUMERAÇÃO).

Então, pelo telefonema do Laurel, eu não sabia se os homens iam custar a chegar, se estavam a ~~quinhentos~~ quinhentos metros, ou se já estavam vindo. A casa era uma ratonira e eu resolvi sair logo.

Eu sai, com Tereza e Koki, e nos dirigimos para um hotel na quinta avenida. Felizmente, eu andava com os bolsos cheios de dinheiro - já que abrir conta no banco poderia despertar alguma suspeita. Inclusive eram muito engraçados, porque eu costumava andar com

cinco, dez mil dólares nos bolsos pelas ruas de NYC, e as pessoas ficavam assustadíssimas com isso. "Você não tem medo de ser assaltado", mas quem é que sabia que eu tava com todo esse dinheiro no bolso? As vezes eu mandava gente para pegar mil dolares para mim, e as pessoas voltavam nervosas, tensas, por causa da quantia. Pra mim, mil dólares não era tanto assim.

Bem, mas o 1100 dolares, por mais dinheiro que uma pessoa tenha, ainda é dinheiro. Portanto, imagine a presa com que eu sai, para não ter dado tempo de pegar os 1100 dolares que estavam no bolso do paletó lá em cima.

Pois bem, nós alugamos um quarto num hotel da quinta avenida

(SABER QUE FIM LEVOU OS ~~1100 MIL DOLARES~~ DOLARES DO PALETO)

Aluguei o quarto do hotel e saí para comprar as coisas essenciais - principalmente para o bebe, que não tinha nada. Aliás, o que eu perdi desta fuga - a minha filmografia de NYC, uma série de aparelhos eletrônicos, aparelhos fotográficos, roupas, e cash. Esse hotel ficava perto do east village.

Então, eu vou até uma drugstore e compro as coisas. Quando eu estou saindo, começo a ouvir uma série de sirenes, vindas de todas as direções. Eu pensei: "poxa, será?" Minha espinha viu um iceberg. Ao mesmo tempo, pela lógica, não podia ser porque ninguém tinha meu novo endereço. Resolvi então enfrentar o caso. Atravessei a rua, e quando vou chegando perto do hotel, eu vejo o quarteirão inteiro cercado pela polícia. O que a gente pensa numa hora dessas?

Pior a Tereza, que estava lá em cima, vendo isso tudo, e vendo a polícia cercar o quarteirão, o que voce acha que ela pensou? ~~xxxxxxx~~

Eu falei, "mas não é possível!" mas a única coisa que sobra nestes momentos é testar e entrei no hotel. Nada aconteceu. Quando eu abri a porta do quarto ela praticamente desmaiou. Estava no último suspiro da resistência psicológica. Eu tranquilizei e da um pouco e resolvi descer para ver de novo o que estava acontecendo, e conforme fosse a gente já estava saindo de novo. Desci para averiguar e tinha sido um assalto, imagine! Nem sobre encomenda, nem e filme a gente vê isso.

Serenado os ânimos, ficamos lá alguns dias até entrei em contacto com advogado; mais uma beixa nas fileiras, mais cinco mil dólares para contratar alguém para o caso de laurel.

No momento que laurel caiu, o próximo era eu. Porque, por mais boa praça que ele fosse, eu nunca podia esperar - como não espero de ninguém - que esta pessoa, que não tinha nada a ver com o peixe, não me entregasse. Apenas eu sabia que ele, por ser uma pessoa como era, iria me dar um tempo suficiente para que eu pudesse escapar.

Então chegou a minha hora de ~~xxxxx~~ pinote. No dia seguinte transferei a família para Washington, e fiquei homiziado numa ~~xxxx~~ casa amiga, que eu esclareci o estava acontecendo - todas as pessoas envolvidas eu tinha a obrigação moral de colocar ao corrente da situação, para que não fossem envolvidas por acaso.

Felizmente o pessoal onde fiquei resolveu segurar a barra. E diária-
mente eu passei a viver numa ponte aérea, indo a NYC, contactar ad-
vogados, saber como estavam as coisas e sair da sujeira.

Foi aí que eu fiquei sabendo o que aconteceu
com o Laurel. Ele tinha mandado um boy para o hotel pegar as malas.
Quando ele chegou no hotel, as malas estavam no hall, a ratoeira ar-
mada. O garoto pegou as malas e os federais seguiram. Quando o
garoto entrou na boite onde Laurel estava trabalhando, Laurel viu
os federais atrás, e só teve tempo mesmo de dizer aquela palavra,
split.

É claro que dentre de todos os deslizes, o
mais sério e o que mais seiu de controle foi o fato de Laurel ir
buscar a mala. Mas a pressão psicológica foi muito forte na época
para evitar esse erro.

Os federais seguraram Laurel e o colocaram
na mesma cela do Chico S^{bo} - e os dois não se conheciam. De modo
que um ficou achando que o outro era olheiro, e só foram se abrir
um com o outro muito tempo depois.

Laurel ficou preso algum tempo e só foi
solto depois de muita dor de cabeça. Foi aí que a BC foi mencionada
pela primeira vez nos jornais, porque uma pessoa da envergadura de
Laurel, presa por isso, significava que a coisa era de maior enver-
gedura .

Fiquei também sabendo pelos advogados que os federais já estavam
no Village Voice com os retratos, perguntado a todo mundo se me conhecia.
Quer dizer, o cerco se apertando cada vez mais, e de repente eu senti
que era chegada a minha vez de me mandar.

Uma coisa que eu sempre advoguei foi que, antes
o risco seja muito grande, a gente deve se mandar. Eu estava pronto para
largar tudo, fugir, fosse o prejuízo material da monta que for, porque
o mais importante era a minha liberdade. Isso é o ~~mais~~ óbvio, mas muitas
pessoas já dançaram porque chega na hora e elas estão agarradas a um
fio de palha, achando que conseguem salvar elas mesmas e as coisas que
possuem.

Eu tranquilamente resolvi fugir. ~~Tinha~~
~~já~~ não adiantava ir até o loft, porque estava
"quente". A Margarida, por sua vez, estava relativamente segura num
apartamento onde as pessoas não conheciam ela, e ela não conhecia nem
a língua das pessoas. Eu, dava de vez em quando telefonemas tranquili-
zadores para ela, mas sempre de cabines telefônicas, e com o mínimo
tempo possível para evitar pistagem, já que ela podia também estar
servindo de isca.

Chegou a hora de embora, e o que mais me angue-
tiava é que eu tinha um filho de seis meses que mal tinha tido tempo de
curtir, porque ele tinha nascido durante um período de grande atividade
na BC. A esta altura, alias, eu já estava pensando em me desligar de
tudo, ficando apenas com uma participação mínima. Tinha comprado o
loft, queria curtir o filho. A sensação de correr da polícia já é
bastante desagradável. Quando voce está sózinho, é diferente - voce

pode, por exemplo, pular um muro. Mas com a criança, voce tem que sair pela porta da frente.

Então resolvi organizar a fuga. Fomos os tres parateresa e koki para o aeroporto de NYC e comprei a primeira passagem para Lisboa. O vôo em questão ia pra Londres, mas não interessava - eu queria que eles tivessem longe o mais cedo possível. O importante era sair de território americano, em direção ao Norte, já que a situação no Brasil poderia também estar queimada.

Então nós combinamos que os dois iriam para Londres, e de lá fariam uma conexão para Lisboa. O primeiro que chegasse deixaria no quadro de avisos o local onde estava.

Eu não sabia como ia sair dos EUA, mas queria deixar pelo menos o meu pessoal livre. Tereza e koki entraram, e eu tenso, mas passaram sem grandes problemas pelo check-in. O nome deles ainda não estava na fronteira. Por outro lado, também era muito difícil que meu nome tivesse, já que eu usava um codinome - George Simon - para todas as minhas operações na BC.

Eu estava paranoicamente disfarçado, com um guardachuva, andando meio torto, para evitar a identificação pessoal.

Depois do check-in da Tereza chegou a minha vez. Eu fui até o quadro de partidas, e vi qual era o avião que ia partir primeiro: estava lá "Madrid" da Ibéria. Então eu fiz um pouco de hgra pra ficar bem em cima do momento da partida, me dirigi até o caixa e comprei a passagem. "Mê dá uma passagem aí", eu disse, e isso não é comum nos EUA, porque normalmente o pessoal reserva antes, chega com antecedencia, etc. Mas eu pedi como quem pede um ticket de metro para Madrid. O sujeito olhou estranho, e estranhou mais

ainda quando eu paguei tudo em cash. Mas enfim, ~~maximamente~~ terminou me dando a passagem.

Eu entrei no check-in com a maior tensão, frio na espinha. Não queria dizer que, por causa da passagem sem problemas de tereza e koki, que meu nome não estivesse (ATENÇÃO: NO LIVRO COLOCAR MUITO MAIS DESCRIÇÃO E EMOÇÃO NESTA CENA DO CHECK-IN). Mas eu entrei e fiquei esperando lá dentro. Como eu tinha esperado para comprar a passagem poucos minutos antes do embarque, achei que ia ficar ali por pouco tempo. Mas o tempo passava e nada do avião chamar para a saída. Meia hora, uma hora, e meu nervosismo aumentando. Aí começou novamente o ataque de paranóia. Eu estava há uma semana praticamente sem dormir, com toda aquela tensão dentro, e neste momento eu achei que os sujeitos tinham descoberto tudo, já que é raríssimo avião atrasar nos EUA.

Finalmente o alto-falante anunciou que o aeroporto estava congestionado por causa do teto, e que os aviões estavam demorando muito pra sair. Depois de mais meia hora o avião terminou finalmente saindo. E eu pude respirar livremente. Diante de mim tinha um quadro péssimo do Salvador Dali. Mas eu estava tranquilo que tinha escapado.

De repente os alto-falantes do avião anunciam que estaríamos desembarcando em Boston. Imagine? Na pressa toda eu não sabia que o avião tinha uma escala. A paranóia voltou. Eu olhava pra aquele salvador dali irritadíssimo. Boston ainda era no território americano. Mas, devido ao atraso, os passageiros não sairiam do aparelho, enquanto os outros embarcavam. Isso melhorou um pouco a paranóia.

Depois dos passageiros embarcarem, o avião começa a manobrar pra sair. Ai acontece algo que foi demais para mim: quando estava manobrando o avião pum* bate com a asa. Ai a voz no alto-falante: "senhores passageiros, infelizmente na nossas manobras de saída abelroamos outro avião, e então ficaremos duas horas ainda no aeroporto para reparar o dano".

Ai eu explodi. Entreguei. A velhinha do lado se virou pra mim e disse "Não é possível". E eu disse, gritando, "Exatamente, it's impossible", gritei, dei um show, descarreguei tudo. Não conseguia mais reter aquela pressão psicológica. Tinha chegado uma hora que qualquer coisa podia acontecer e eu não estava nem me incomodando. Peguei a velhinha de sparring, comecei a pedir coisas, chá, café, tudo que tinha direito, reclamando alto, etc.

Finalmente o avião decolou. Eu já estava naquilo que o frances chama de stáge second, num outro estágio, numa meta-psíquica.

Depois de _____ chegamos em madrid e eu embarquei no primeiro avião para lisboa, certo de que tereza iria estar me esperando, ou tinha deixado o aviso.

Quando eu chego a lisboa, vou no quadro de avisos e não tem nada. Não era possível, ela tinha saído muito antes de mim, tinha que ter alguma coisa. Aquele atraso todo. Tereza era a rainha de ser detida no aeroporto - tinha sido detida em Londres

alguns anos antes, e eu comecei a me lembrar disso. Eu ja estava conjecturando que ela tinha sido fidejada em londres nesta época, e por causa disso tinha sido presa de novo.

Eu perguntei no aeroporto todos os voos que eram esperados de londres aquele dia. Tinham tres. Eu aguardei o primeiro voo. Nada.

Segundo voo, nada.

Neste meio tempo eu me familiarizei com a samangada luzitana e cheguei até a vasculhar os arquivos daquele dia, para ver o nome dela. Não tinha nenhum registro. (CONTAR O QUE EXPLICOU PARA O GUARDA)

Finalmente chega o último avião de Londres, e eu já estava arrancando todos os pentelhos. Não vi Tereza. Rãã Lá no final, no último lugar da fila do último avião, estava a tereza. Novamente eu não me contive e dei-lhe um esporro, os guardas ficaram olhando surpresos, eu todoo ansioso antes e agora violento.

Tereza tinha atrasado por causa dos mesmos problemas que eu - congestionamento de aeroporto. E com a conexão de Londres, tinha demorado mais. Algo absolutamente normal quando a gente está raciocinando ~~frãã~~ friamente, o que não era absolutamente o meu caso naquele dia.